

# Notícias, “Fake News” e a Participação Online

Análise à influência da Internet e Redes Sociais  
no que se refere ao conteúdo noticioso, retenção  
factual e mobilização cívicas e colectivas

Dados: Inquéritos Sociedade em Rede 2004/2013, Inquérito ao Consumo  
de Notícias 2015 e 2016 (ERC) e Reuters, 2016.

RELATÓRIOS OBERCOM  
**DEZEMBRO 2016**





**OberCom**

INVESTIGAÇÃO E SABER EM COMUNICAÇÃO

Observatório da Comunicação  
Palácio Foz - Praça dos Restauradores  
1250-187 Lisboa  
Portugal

[www.obercom.pt](http://www.obercom.pt)  
[obercom@obercom.pt](mailto:obercom@obercom.pt)

Tel.: +351 213 221 319  
Fax.: +351 213 221 320

## FICHA TÉCNICA

### TÍTULO

Notícias, “Fake News” e a Participação Online.

### DATA DA EDIÇÃO

Dezembro de 2016

### COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

Gustavo Cardoso  
Sandro Mendonça

### AUTORIA

Pedro Caldeira Pais  
Miguel Paisana  
João Sousa

### ISSN

2182-6722



Este trabalho está licenciado para  
**Creative Commons Attribution 4.0**  
International (CC BY 4.0).

# ÍNDICE

Sumário executivo.....	5
Breve reflexão teórica.....	8
Participação online de cariz cívico e práticas de leitura: problematização .....	8
Recepção e procura de notícias de cariz político e cívico: práticas de leitura.....	8
Participação online: a intervenção cívica num paradigma digital .....	9
Análise de dados.....	11
1. Recepção e partilha de notícias de cariz político e cívico e práticas de leitura .....	11
2. Reflexão teórico-metodológica do pós-facto: aproximação de perfis de indivíduos que actualizam ou participam em notícias (1) via rede social ou (2) através de um site noticioso19	
3. Postura e participação cívica dos indivíduos e a influência da Internet neste âmbito ....	25

## ÍNDICE DE TABELAS E FIGURAS

Tabela 1 - Equipamentos através dos quais vê conteúdo noticioso, por escalão etário .....	11
Figura 1 – Utilização de redes sociais para uso geral e para ler, assistir ou partilhar notícias ...	12
Figura 2 – Meio através do qual entrou em contacto com as notícias .....	13
Figura 3 - De que forma é a partilha e cobertura de notícias online numa semana habitual.....	14
Figura 4 – De que forma utiliza o Facebook para ler, assistir ou partilhar notícias.....	15
Figura 5 – Interesse em temas de política .....	16
Figura 6 – Fontes de informação utilizadas para actualização de temas de política e governação .....	17
Figura 7 – Onde costuma procurar as atualizações mais recentes de uma história com constantes desenvolvimentos, como uma catástrofe natural ou um acontecimento político .....	19
Figura 8 – Onde costuma procurar análises ou maior aprofundamento sobre uma história com constantes desenvolvimentos, como uma catástrofe natural ou um acontecimento político .....	20
Tabela 2 – Partilha notícias via rede social, tendo em conta o grau de interesse em notícias sobre assuntos regionais ou da sua cidade.....	21
Tabela 3 – Partilha uma notícia via rede social, tendo em conta a confiança no que concerne às notícias.....	21
Tabela 4 – Comenta ou não comenta num site noticioso, tendo em conta a confiança no que concerne às notícias .....	22
Tabela 5 – Comenta num site noticioso, tendo em conta a confiança no que concerne às notícias.....	22
Tabela 6 – Comenta ou não comenta uma notícia na rede social, tendo em conta a confiança no que concerne às notícias.....	23
Tabela 7 – Comenta uma notícia na rede social, tendo em conta a confiança no que concerne às notícias .....	23
Tabela 8 - Cidadania e processo de participação mediada, 2004 .....	25
Tabela 9 - Cidadania e processo de participação mediada, 2013 .....	26
Figura 9 – Participação em manifestações de Geração à Rasca e protestos anti-austeridade ...	27
Figura 10 – Tomada de conhecimento e expressão de opinião em redes sociais no que se refere às manifestações de Geração à Rasca e protestos anti-austeridade.....	27
Tabela 10 - Influência dos cidadãos em termos políticos e sociais .....	28

Figura 11 - Desde que usa redes sociais, sente-se mais participativo em causas políticas e sociais .....	29
Figura 12 - Desde que usa redes sociais, sente-se mais predisposto a expressar a sua opinião ou a apoiar causas políticas e sociais .....	30
Figura 13 - Desde que usa redes sociais, tem estado presente mais frequentemente em eventos relacionados com a defesa de causas políticas e sociais .....	30

## Sumário executivo

Este relatório resulta de dados coligidos de inquéritos da ERC (2015 e 2016) e do projecto Sociedade em Rede (2004 e 2013), num esforço do OberCom – Observatório da Comunicação em compreender as dinâmicas de utilizadores de Internet no que se refere às redes sociais e à sua influência na participação cívica e pública, bem como de que forma estas influenciam as práticas de leitura informativa, nomeadamente no que concerne a notícias sobre política. Entre as conclusões e a discussão sustentadas na análise de dados constantes neste relatório, destacam-se os seguintes pontos:

- Algumas plataformas digitais, como o «Dialoga Brasil», formado pelo governo brasileiro, ou o projecto “PICMNE”, do Ministério dos Negócios Estrangeiros português, foram criadas por instituições políticas de modo a que a população possa, idealmente, participar via *online* nas decisões políticas, produzindo comentários, observações, críticas, sugestões e propostas sobre qualquer assunto público, e potenciando a que a discussão parta de um conhecimento comum e compartilhado.
- O paradigma digital reflecte-se também na utilização mais frequente das redes sociais para actualização de notícias (ver figura 1) e no potencial destas para a partilha e tomada de conhecimento de mobilizações colectivas, como foi o caso das manifestações da Geração à Rasca, em 2011.
- O vasto *corpus* analítico de informação existente na Internet resulta numa leitura mais usual, mas igualmente mais fragmentada e tendencialmente menos aprofundada, o que dificulta a existência de uma índole deliberativa e conscienciosa por parte dos utilizadores quanto a aspectos cívicos.
- Dos utilizadores que consultam notícias *online*, cerca de 70% acedem a novas notícias via redes sociais.
- Comparando o uso geral com o ler, assistir ou partilhar notícias, tem-se que o Facebook, para além de se estabelecer como a rede social mais utilizada no geral (89,9%), é também a rede onde são partilhadas mais notícias (75,8%) por parte de utilizadores que consultam notícias *online*.
- Dos indivíduos que consideram notícias sobre política nacional um género noticioso importante, quase 45% atualizam-nas através das redes sociais.

- Um dos problemas trazidos à discussão por este relatório centra-se na falta de separadores de categorias que as redes sociais possuem no que se refere a géneros noticiosos, bem como a conteúdo recreativo. Isto é, potencia a que, por exemplo, uma notícia política considerada importante esteja, sem qualquer tipo de destaque ou categorização, ao lado de uma publicação privada e pouco importante.
- Apesar da mudança de paradigma, não é a prioridade política ou interventiva o que faz com que a grande maioria dos indivíduos utilize redes sociais, o que, de uma forma geral, secundariza estes temas, não se podendo portanto afirmar que a Internet se tenha tornado o espaço ideal para uma democracia deliberativa.
- Os contextos políticos, sociais, económicos, entre outros, têm uma importância fundamental na forma como os indivíduos usam o espaço *web*, sendo que numa sociedade na qual, mediante determinado momento e contexto, o objectivo primordial não seja o de intervir em termos cívicos, o resultado tenderá a não ser totalmente positivo nesse âmbito. A Internet é uma ferramenta de potencial alargado e imediato, mas esta ferramenta encontra-se sujeita aos significados que os seus utilizadores lhe outorgam.
- Na parte 2 da análise de resultados, pretende-se fazer uma aproximação na relação entre informação noticiosa nas redes sociais e a teoria do pós-facto, que se baseia na utilização de argumentos políticos mais ligados à dimensão emocional do que à racional ou argumentativa, e para os quais as provas de refutação são ignoradas. A ambiguidade dos *media* e a constante vaga de informação diária promovem esta relação delicada entre o jornalismo político comprovadamente factual e o que é tido como verdade.
- A utilização das redes sociais para actualização primária de conteúdo noticioso pode contribuir com uma menor consciencialização da verdade dos factos, devido ao vastíssimo conteúdo noticioso que se pode encontrar numa rede social, aliado à pouca separação entre géneros noticiosos e, igualmente, entre informação noticiosa e não noticiosa.
- De qualquer forma, e como se verifica a partir da parte 3, o espaço *web* foi o factor distintivo de manifestações como a Geração à Rasca ou os protestos anti-austeridade, iniciados em blogs e redes sociais como o Facebook. Como se verifica pela figura 10, praticamente metade dos inquiridos tomaram conhecimento de tais protestos pelas redes sociais, indicador do potencial que a Internet possui no que concerne à partilha imediata, nestes casos, de mensagens de insatisfação e indignação, sendo assim

possível que os utilizadores se revejam, numa dimensão mais alargada, nas experiências individuais de outras pessoas, permitindo um processo que ao longo do tempo se vai transformando numa acção colectiva.

- Por outro lado, foram menos os indivíduos que deram a sua opinião sobre a situação que envolvia as manifestações pelas redes sociais, o que concorre para a ideia de que, embora as redes sociais contribuam fortemente para a mobilização espontânea, as pessoas priorizam a presença e o protesto físico para se manifestarem.
- O que parece tendencialmente ocorrer, portanto, é que a Internet apresenta-se como uma ferramenta importante na divulgação, mas não essencial no desenvolvimento processual de um movimento social.
- A vantagem do processo físico de rua centra-se na menor mediação e, desta forma, no total uso de percepções e processos cognitivos no relacionamento com os outros, aspectos incaracterísticos do espaço *web*. Não parece, portanto, que a substituição do espaço físico pelo espaço virtual seja recomendável ou até possível na sua totalidade, o que, por outro lado, faz denotar o papel interessante que a simbiose entre espaço «físico» e espaço «virtual» detém.
- No que se refere à participação dos cidadãos na vida pública, verifica-se uma evolução entre 2004 e 2013 na área da utilização da Internet, havendo um desenvolvimento nos valores que concernem à realização de actividades cívicas (e.g.: enviar uma carta a protestar ao Estado) realizadas via Internet.
- Verifica-se que os utilizadores de Internet tendem a ter uma perspectiva mais positiva em relação a diversos assuntos que concernem à actividade cívica ou à influência nas decisões políticas, comparativamente com não utilizadores de Internet (ver tabela 10).
- Como se verifica pelas figuras 11 e 12, os inquiridos revelam, de uma forma geral, que desde que usam redes sociais se sentem mais participativos em causas políticas e sociais, incluindo na manifestação da sua opinião. Por outro lado, como indica a figura 13 – em que, no total, 42,7% dos indivíduos dizem discordar da afirmação de que desde que usa redes sociais tem estado mais presente em eventos desse género –, concorre-se para a ideia de que as redes sociais e o espaço virtual, embora possam ter um papel importante na divulgação, não se estabelecem como fundamentais para o envolvimento físico dos indivíduos em causas deste género.

## Breve reflexão teórica

### Participação online de cariz cívico e práticas de leitura: problematização

Este relatório resulta de uma análise sobre o tipo de participação *online* que os utilizadores de Internet têm na vida pública e cívica, analisando práticas de leitura noticiosa no que se refere a notícias políticas e de cariz público, e percebendo os tipos de perfis de indivíduos que recebem e participam em notícias em redes sociais ou sites noticiosos, propondo que esta discussão se direcione para o conceito do pós-facto. Este relatório pretende também, numa última parte, perceber a participação, tanto física como virtual, em processos cívicos e de mobilização social em Portugal, como são os casos do movimento Geração à Rasca e de protestos anti-austeridade.

De uma forma geral, o que este relatório pretende analisar é de que forma a Internet e, em especial, as redes sociais contribuem e influenciam o modo como os indivíduos percebem o seu papel neste âmbito participativo, bem como que tipo de práticas e tendências foram adquiridos com o aparecimento e a maior utilização da Internet. Dar-se-á igualmente destaque à forma como a informação noticiosa, nomeadamente de cariz político, é recepcionada pelos utilizadores de Internet, para dessa forma compreender melhor o modo como os indivíduos dissecam a informação pública, política e cívica.

### Recepção e procura de notícias de cariz político e cívico: práticas de leitura

As redes sociais, nomeadamente o Facebook, são actualmente fontes importantes para a partilha e recepção de notícias (ver figura 1). O facto de o Facebook ter, devido a partilhas de *links* e páginas noticiosas no seu *feed*, o potencial para apresentar notícias aos utilizadores, revela que tais utilizadores podem ser expostos a este tipo de informação sem a procurar e explorar por si próprios, havendo assim uma menor distinção entre géneros noticiosos, sejam eles de política, desporto, entretenimento, etc.

A questão da recepção e leitura de notícias pode assim levar a discussão para o âmbito das práticas de leitura e as mudanças que ocorreram na forma como os utilizadores de Internet leem, tendo em conta o vasto *corpus* analítico de informação que se encontra na Internet.

Vários dados, tanto nacionais como internacionais<sup>1</sup>, apontam para a tendência da leitura em suporte electrónico não possuir uma característica de longevidade de leitura, sendo antes marcada pela leitura rápida e mutável, e podendo ler-se, de forma sucessiva e célere, coisas diferentes de actividades distintas. Tendo isto aspectos mais ou menos positivos, mediante os autores, a ideia de Bertrand-Gastaldy, citada em Cardoso (2015), é precisamente a de que o leitor virtual tem tendência para preferir leituras abertas e relacionais em função dos seus objectivos e da sua leitura seleccionada; ou seja, tendo em conta a oferta massiva de textos escritos em âmbito virtual, o utilizador ganhou a capacidade de dissecar a informação, embora tal característica exonere de certo modo uma leitura aprofundada que, nesta lógica, não será exclusivamente cultivada ou erudita.

Redes sociais como o Facebook participam nesse comportamento, com o *feed* de notícias repleto de informação, incluindo informação noticiosa (figura 4). De uma forma geral, o que os dados apresentados neste relatório adiantam é a crescente importância de procura e recepção de informação não apenas de jornais *online*, mas igualmente de redes sociais. O Facebook, nomeadamente, encontra-se como a rede primordial para utilizadores de Internet que consultam notícias *online* (figura 1), podendo-se, através dela, consultar e ler notícias que os amigos optam por partilhar, numa recepção onde o utilizador se arrisca a ser confrontado por informação mais vasta e semi-categorizada. A forma de recepção noticiosa é por isso uma característica importante das redes sociais, porque torna-se um espaço em que se é confrontado com todo o tipo de informação, sem separadores de géneros noticiosos, ao contrário de um jornal *online*, mais organizado e dividido, e cuja informação se consulta com o objectivo de ser de alguma forma retida. Encontra-se assim o que parece uma dicotomia entre o potencial da Internet e os objectivos quanto à sua navegação e exploração por parte dos utilizadores, que de um modo geral priorizam outras práticas e, deste modo, não usufruem em termos deliberativos de tal potencial. Nesta lógica de retenção noticiosa que as redes sociais, nomeadamente, trouxeram, insere-se a discussão do conceito do pós-facto, que será posteriormente explicado no capítulo 2 da análise de dados.

## **Participação online: a intervenção cívica num paradigma digital**

De uma forma geral, a utilização gradual da Internet por parte da população potenciou a facilitação de comunicação entre utilizadores, sendo lógico que os cidadãos utilizadores de Internet tenham a possibilidade de aproveitar esta ferramenta para participar de alguma forma

---

<sup>1</sup> Ver, nomeadamente, Cardoso, Gustavo (coord.) (2015), *O Livro, o Leitor e a Leitura Digital*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

na vida cívica. No que se refere aos dados sobre a participação dos cidadãos na vida pública, verifica-se uma evolução entre 2004 e 2013 (ver tabelas 2 e 3), havendo percentagens mais elevadas de qualquer tipo de intervenção pública, nomeadamente utilizando a Internet, como é o exemplo de enviar *mails* para a Câmara Municipal para obter explicações sobre qualquer situação que envolve o inquirido. A Internet foi assim estabelecendo-se enquanto meio que aproxima os cidadãos dos órgãos de soberania.

Por outro lado, será que o facto de se poder intervir na vida pública, no sentido acima descrito, permite que as instâncias superiores sejam passíveis de ser influenciadas?

Tais questões prendem-se não apenas com a postura actual dos utilizadores, ou não, de Internet, mas também com a forma como autarquias, câmaras, ministérios, entre outras instituições ligadas ao que se pode considerar um âmbito cívico e público, aproveitam tais condições e investem na criação de plataformas que permitam um diálogo mais activo e consequencial. Estas plataformas digitais permitem que os utilizadores produzam comentários, observações, críticas, sugestões e propostas sobre qualquer assunto público, o que potencia a que a discussão parta de um conhecimento comum e compartilhado. Como exemplos, tem-se o "Dialoga Brasil", plataforma do Governo brasileiro que permite que as pessoas compartilhem propostas através de redes sociais como o WhatsApp, o Twitter e o Facebook, e, em Portugal, a operação "PICMNE", que concerne ao Ministério dos Negócios Estrangeiros e que visa investir numa plataforma agregadora que potencie a participação dos portugueses que estão espalhados por todo o mundo. Apesar de não ser aqui discutida a eficiência, ou não, de tais plataformas, a sua criação é a prova da importância que espaços deste tipo podem potencialmente ter no processo democrático.

O que parece suceder é que, apesar da mudança de paradigma, e no que se refere nomeadamente a redes sociais, não é a prioridade política ou interventiva o que faz com que a grande maioria dos indivíduos as utilize, o que, de uma forma geral, secundariza estes temas, não se podendo portanto afirmar que a Internet e as redes sociais se tenham tornado o espaço ideal para uma democracia deliberativa. Os contextos políticos, sociais, económicos, entre outros, têm uma importância fundamental na forma como os indivíduos usam o espaço *web*, sendo que numa sociedade na qual, mediante determinado momento e contexto, o objectivo primordial não seja o de intervir em termos cívicos, o resultado tenderá a não ser totalmente positivo nesse âmbito. A Internet é uma ferramenta de potencial alargado e imediato, mas esta ferramenta encontra-se sujeita aos significados que os seus utilizadores lhe outorgam.

## Análise de dados

Para este relatório foram utilizados dados quantitativos (por via de inquérito) da ERC, de 2015 e 2016, do projecto Sociedade em Rede, que contempla dados de 2004 e 2013, e da Reuters, de 2016.

Numa primeira parte nesta análise de resultados, têm-se dados sobre recepção e partilha de notícias, nomeadamente em redes sociais, e concernentes a géneros noticiosos mais relacionados com um âmbito político, cívico e público. Pretende-se assim compreender as práticas de leitura e de retenção de informação dos utilizadores de Internet e perceber de que forma este âmbito evoluiu. Numa segunda parte, procura-se aproximar dois tipos de perfis de, por um lado, indivíduos que actualizam e participam em notícias via rede social e, por outro, via *sites* noticiosos, abordando a temática do pós-facto, conceito que será explicado posteriormente. Por fim, na terceira parte é analisada a postura e a participação dos indivíduos perante situações de cariz cívico, procurando perceber a influência da Internet neste contorno democrático.

### 1. Recepção e partilha de notícias de cariz político e cívico e práticas de leitura

**Tabela 1 - Equipamentos através dos quais vê conteúdo noticioso, por escalão etário**

	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	≥ 65
Televisor	98,9%	97,0%	95,8%	98,8%	99,3%	100,0%
Computador portátil/secretária	19,4%	28,1%	21,2%	10,2%	6,3%	3,3%
Tablet	12,9%	13,3%	7,3%	2,4%	0,0%	0,0%
Smartphone	16,1%	12,6%	9,1%	3,6%	0,7%	1,0%

n= 911 (através de equipamentos vê informação noticiosa, por escalão etário – Resposta múltipla)

Fonte: ERC – Públicos e Consumo de Notícias 2016. Edição: OberCom.

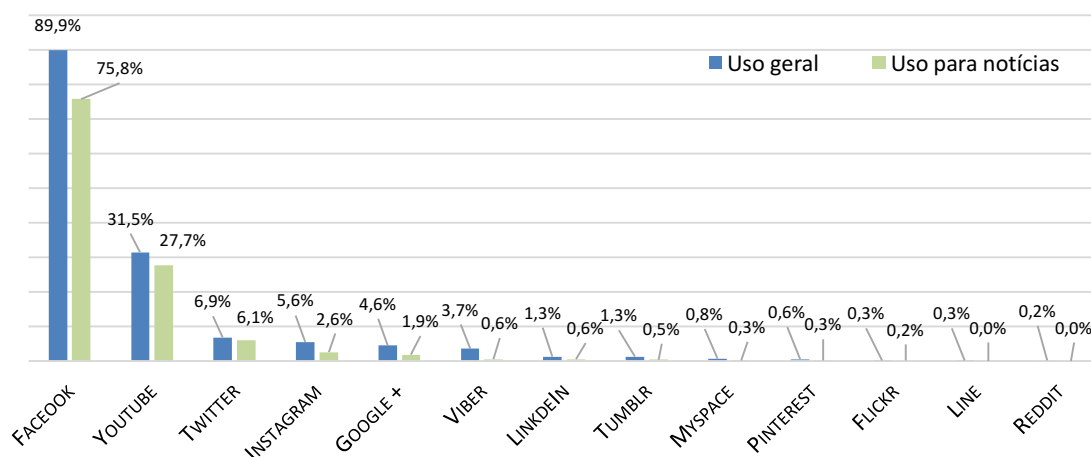
Fazendo-se o cruzamento destes dados com a idade dos inquiridos, verifica-se que a televisão continua a ser, por uma percentagem muito elevada, o equipamento através do qual as pessoas veem informação, sendo também a forma mais estável de fonte noticiosa para todas

as faixas etárias, com 98,9%. Os outros equipamentos tendem a denotar um decréscimo, nomeadamente a partir do escalão etário de 45 a 54 anos, sendo que o computador portátil e de secretária surge com 28,1% no escalão de 25 a 34 anos (com tendência clara para decrescer quanto mais elevada a idade), estabelecendo-se como segunda fonte principal de recepção noticiosa.

Estes dados interessam para perceber o crescimento que outros equipamentos para além da televisão, nomeadamente o computador, sofreram ao longo dos últimos anos no que concerne à recepção de informação noticiosa. Estes equipamentos, para aceder à informação, requerem o uso Internet e revelam assim a evolução das práticas de recepção noticiosa dos indivíduos.

Dentro dos indivíduos que consultam notícias *online*, e referente a dados de 2015, a próxima figura permite perceber o papel das redes sociais no que concerne à utilização das mesmas para ler, assistir ou partilhar notícias.

**Figura 1 – Utilização de redes sociais para uso geral e para ler, assistir ou partilhar notícias**



n= 625 (utilizadores de internet que consultam notícias online – Resposta múltipla)

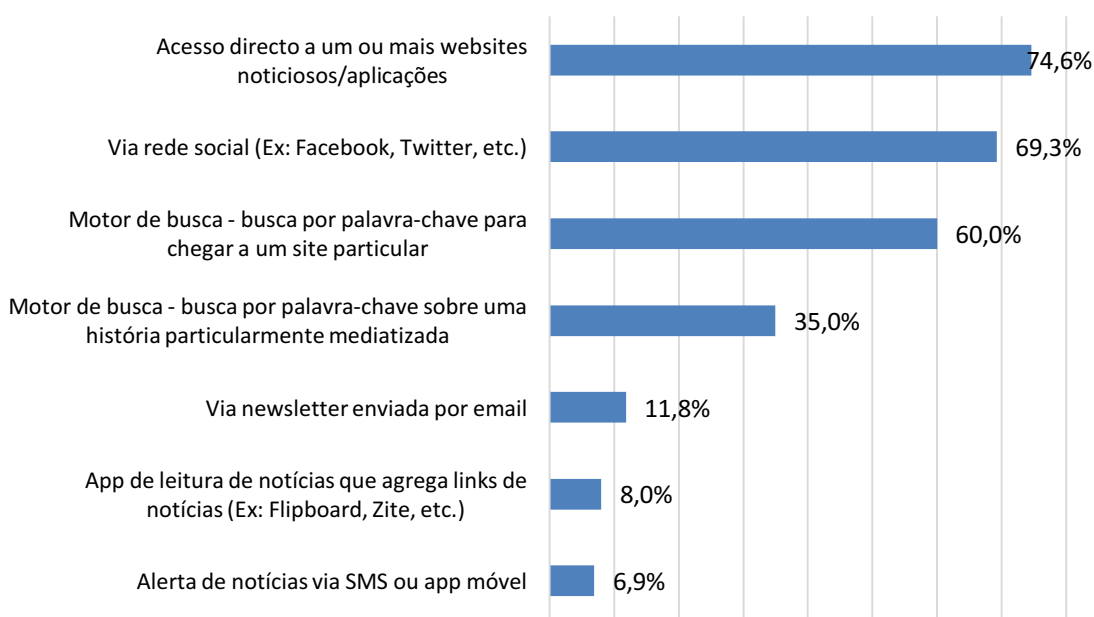
Fonte: ERC – Públicos e Consumo de Notícias 2015. Edição: OberCom.

Comparando o uso geral com o ler, assistir ou partilhar notícias, tem-se que o Facebook, para além de se estabelecer como a rede social mais utilizada no geral (89,9%), é também a rede onde são partilhadas mais notícias (com 75,8% dos inquiridos a utilizarem-no para isso) por parte de utilizadores que consultam notícias *online*. Tendo em conta esta figura, percebe-se que a relação entre uso geral e uso para notícias é de certa forma proporcional, sendo esta uma actividade relativamente comum em espaços como o Facebook, o Youtube (em

que os dados se encontram mais equiparados e com tendência para ser bastante utilizado para notícias, com 27,7%) ou o Twitter, com 6,1% comparativamente a 6,9% de uso geral.

Nomeadamente no que se refere a partilhas de notícias, o que uso das redes sociais pode revelar é um paradigma, com tendência para crescer neste sentido, em que os utilizadores deste tipo de espaços – capazes desde já de gerar qualquer tipo de conteúdo por eles próprios – tenham a capacidade de participar de alguma forma no processo jornalístico e de disseminar, com maior ou menor massificação, informação noticiosa.

**Figura 2 – Meio através do qual entrou em contacto com as notícias**



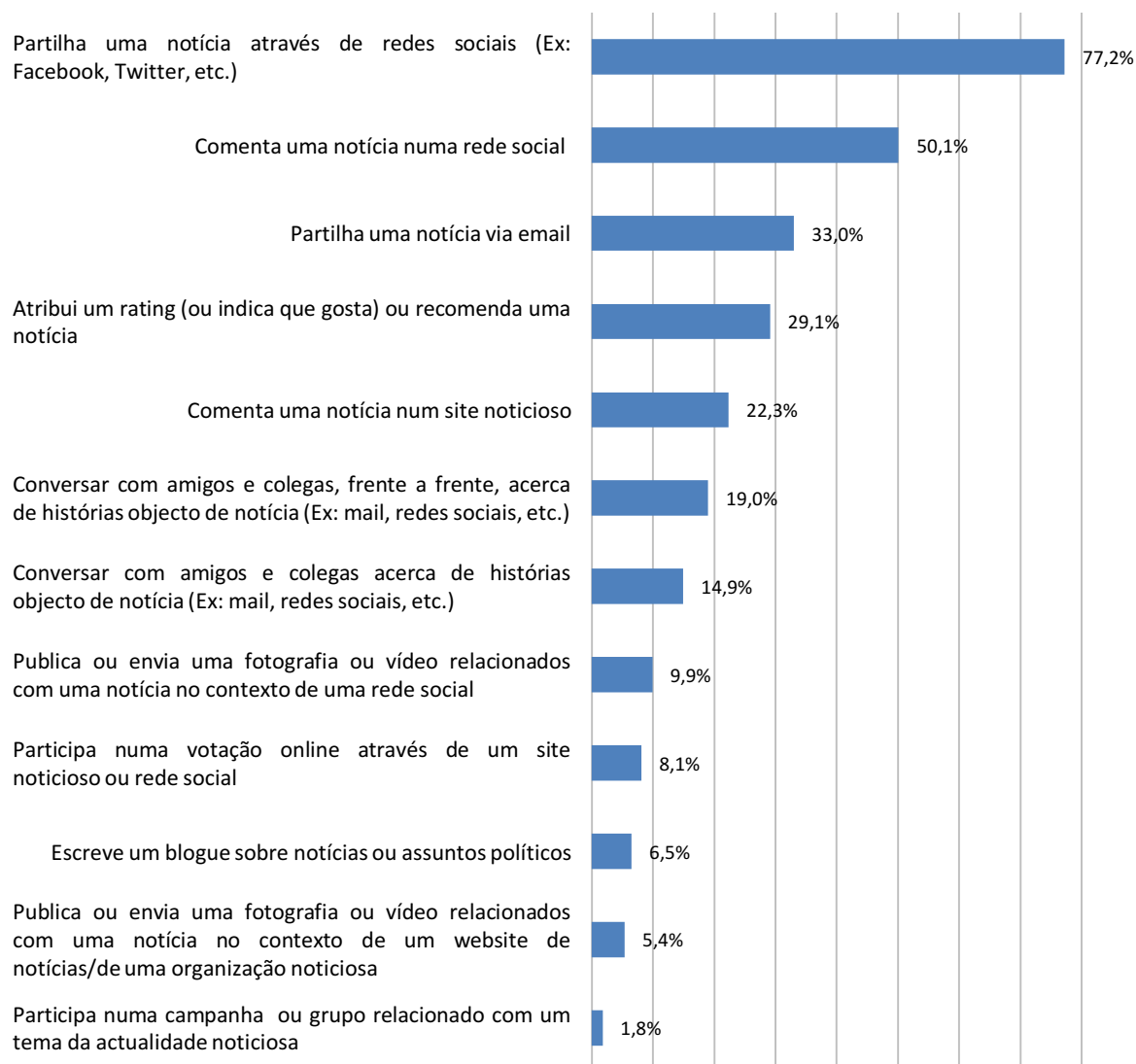
n= 625 (utilizadores de internet que consultam notícias online – Resposta múltipla)

Fonte: ERC – Públicos e Consumo de Notícias 2015. Edição: OberCom.

Dos utilizadores que consultam notícias *online*, cerca de 75% acedem a novas notícias por acesso directo a websites noticiosos e aplicações (como jornais *online*), sendo que quase 70% acedem via rede social. No que se refere à busca por palavra-chave para aceder a um site particular, 60% das respostas apontam nesse sentido, sendo que, no que concerne ao acesso a uma história particular, 35% afirmam fazer isso.

Compreende-se assim que os jornais *online* possuem actualmente um papel importante na procura e recepção noticiosa, sendo que as redes sociais – que podem partilhar notícias desses mesmos jornais – surgem muito perto, estabelecendo-se assim como espaços igualmente importantes no que concerne à recepção. O facto de ambos terem valores relativamente similares reflecte a ingerência que redes como o Facebook possuem na disseminação noticiosa.

**Figura 3 - De que forma é a partilha e cobertura de notícias online numa semana habitual**



n=443 (utilizadores de Internet que consultam e partilham notícias online – Resposta múltipla)  
 Fonte: ERC – Públicos e Consumo de Notícias 2015. Edição: OberCom.

Verifica-se que a maioria das respostas dos indivíduos (77,2%), dentro dos que utilizam a Internet e partilham notícias *online*, afirmam usar as redes sociais para as partilhar, sendo que cerca de metade das respostas afirma comentar uma notícia através de uma rede social. Outra actividade algo recorrente é a partilha via email, com 33% das respostas a afirmarem-no, atribuir um rating ou recomendar uma notícia (29,1%), ou comentar num site noticioso (22,3%). Já no lado das respostas menos dadas, destaque-se o facto de apenas 1,8% das respostas declararem participar numa campanha ou grupo relacionado com um tema da actualidade noticiosa. De uma forma geral, estes dados corroboram a ideia de que redes sociais como o Facebook, o Twitter ou o Reddit são espaços onde os utilizadores aproveitam a

facilidade e o potencial de partilha para participarem de alguma forma na cobertura de notícias. A opinião dos utilizadores e a possibilidade de a expressarem apresenta-se como elemento central, aspecto que espaços em rede como estes permitem.

Sendo que, como se viu acima (figura 1), o Facebook se estabelece como a rede social mais utilizada e em que mais utilizadores dizem ler, assistir ou partilhar notícias, na figura irá perceber-se de que forma é os utilizadores usam esta rede social.

**Figura 4 – De que forma utiliza o Facebook para ler, assistir ou partilhar notícias**



n= 291 (utilizadores do Facebook que usam a rede social para ler, partilhar e assistir conteúdo noticioso – Resposta múltipla)

Fonte: ERC – Públicos e Consumo de Notícias 2015. Edição: OberCom.

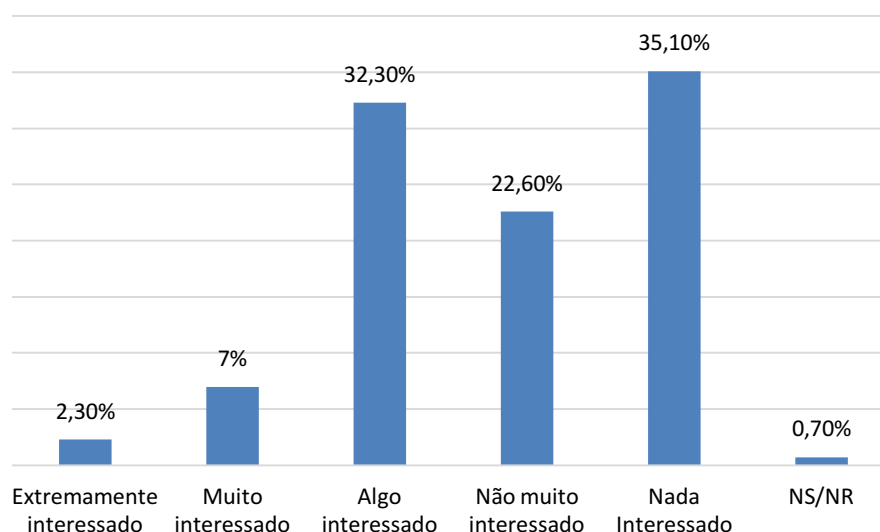
Dos utilizadores de Facebook que usam a rede social para ler, partilhar e assistir conteúdo noticioso, 67% das respostas dos inquiridos revelam que percorrem o seu *feed* para saber o que é novo, sendo que 24,1% percorrem a rede para procurar notícias específicas, e 14,1% clicam em conteúdo noticioso profissional. Já 21% das respostas declaram a partilha directa de notícias, como fazendo a publicação das mesmas na página de um amigo.

A maioria das respostas indica, assim, a tendência para os utilizadores de Facebook percorrerem o seu *feed* para saber o que é novo, corroborando a ideia de que são, de certa forma, confrontados pelo conteúdo noticioso, que se encontra no mesmo espaço de outros conteúdos não-noticiosos produzidos pelos utilizadores, como podem ser publicações da vida

privada de amigos. Não é assim um espaço unicamente direccionado para notícias, mas antes um espaço onde as notícias, embora frequentes, surgem apenas como mais um elemento. Neste sentido, sendo que também num jornal (físico ou *online*) se é confrontado por notícias, uma das características mais distintivas das redes sociais é a maior ausência de separação de géneros noticiosos (a que se podem aceder, por exemplo, em jornais *online*, havendo notícias dentro de separadores de desporto, política, sociedade, etc.), o que contribui para a tendência de menor distinção entre notícias de temáticas diversas.

Mas sendo os dados apresentados referentes a qualquer tipo de género noticioso, tenha-se agora em conta notícias referentes a um âmbito mais concreto e que permita ligar informação noticiosa com um âmbito mais consciencioso, público e cívico: o tema da política.

**Figura 5 – Interesse em temas de política**



n= 572

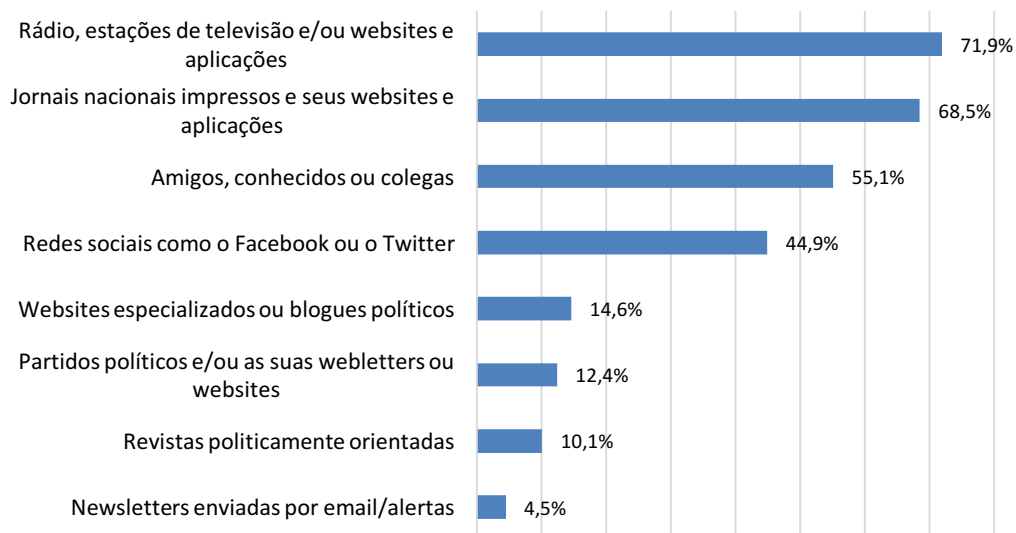
Fonte: ERC – Públicos e Consumo de Notícias 2016. Edição: OberCom.

Dos inquiridos, tem-se que cerca de 35% diz-se nada interessado pelo tema da política e 22,6% não muito interessados. Dentro dos que têm interesse, 32,3% revelam-se algo interessados, com 7% a dizerem-se muito, e apenas 2,3% a declararem-se extremamente interessados.

Embora o género noticioso de política não seja o único rótulo que possa revelar o interesse da população numa vida cívica ou interventiva socialmente, é porventura um indicador importante nesse sentido, já que lida com assuntos que concernem a todos os indivíduos, perpetrados, em grande medida, por pessoas eleitas através de um processo democrático. A indiferença elevada no tema pode por isso indicar uma tendência para uma postura relativamente desinteressada por parte dos indivíduos na vida cívica.

Neste sentido, e com dados de 2015, tenha-se em conta, de seguida, quais as fontes de informação utilizadas para actualização de temas de política nacional e governação.

**Figura 6 – Fontes de informação utilizadas para actualização de temas de política e governação**



n=89 (utilizadores de Internet que consultam notícias online e consideram as notícias sobre política nacional um género noticioso importante)

Fonte: ERC – Públicos e Consumo de Notícias 2015. Edição: OberCom.

Dos indivíduos que consideram notícias sobre política nacional um género noticioso importante, quase 45% actualizam-nas através das redes sociais, sendo que rádio, televisão e websites detêm valores mais elevados no que se refere a esta actualização, com 71,9%. Jornais, tanto impressos como *online*, detêm 68,5% das respostas, sendo que 55,1% actualizam estas informações com amigos, conhecidos ou colegas.

Estes dados podem indicar que, apesar do valor relativamente elevado de actualização de notícias sobre política nacional nas redes sociais, este espaço não é o mais utilizado para a actualização deste género de notícias, potenciando a ideia de que as redes sociais não servem primordialmente para este fim. A televisão ou os jornais *online*, por exemplo, surgem como preferências, eventualmente podendo pesar o facto, já referido, de as redes sociais não serem um espaço em que se separe eficientemente géneros noticiosos, ao contrário de um jornal.

Nesta primeira parte, procurou-se aprofundar a influência das redes sociais e da Internet na evolução de retenção de informação noticiosa por parte dos indivíduos. De uma forma geral, os dados apontam para um paradigma em que as notícias são cada vez mais partilhadas, procuradas ou lidas através de redes sociais como o Facebook ou o Twitter. Dentro de vários

aspectos interessantes que podem ser notados, destaque-se o da fragmentação da leitura, que resulta da vasta informação que surge nestes espaços, aliada, no caso concreto das redes sociais, a uma menor separação entre géneros noticiosos e, desta forma, a uma distinção menos nítida entre o que importa menos ou mais, e o que pode ser menor ou mormente gravoso ou ligeiro. Nomeadamente para os utilizadores de redes sociais, isto lança o desafio de se ter de seleccionar informação como nunca antes houve a necessidade de fazer.

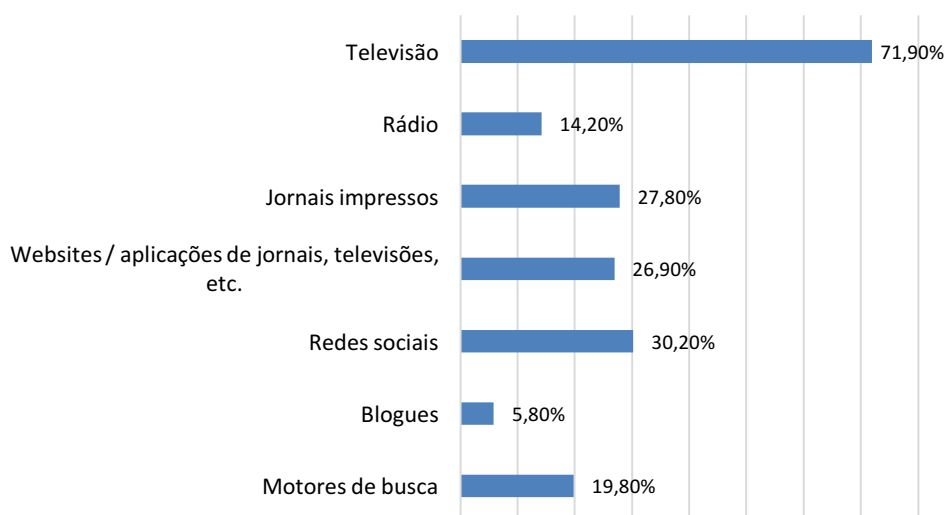
Tendo-se analisado mais concretamente o tema da política e a postura dos indivíduos em temas que remetam para a população e a vida pública, na parte seguinte aprofundar-se-ão os tipos de perfis de indivíduos que de algum modo participam, ou se actualizam, em notícias (1) via rede social e (2) *sites* noticiosos.

## 2. Reflexão teórico-metodológica do pós-facto: aproximação de perfis de indivíduos que actualizam ou participam em notícias (1) via rede social ou (2) através de um *site* noticioso

A teoria do pós-facto, na qual se baseia, mais concretamente, este capítulo, resume-se à utilização de argumentos políticos, por parte de entidades políticas ou jornalísticas, mais ligados à dimensão emocional do que à racional ou argumentativa, e para os quais as provas de refutação são ignoradas. A ambiguidade dos *media* e a constante vaga de informação diária promovem esta relação delicada entre o jornalismo político comprovadamente factual e o que é tido como verdade.

Adiante, procura-se aproximar dois perfis de partilha, participação ou actualização de notícias na Internet, tentando perceber as diferenças, tendo em conta o âmbito teórico referido, na utilização das redes sociais e de *sites* noticiosos por parte dos indivíduos.

**Figura 7 – Onde costuma procurar as atualizações mais recentes de uma história com constantes desenvolvimentos, como uma catástrofe natural ou um acontecimento político**



n= 572

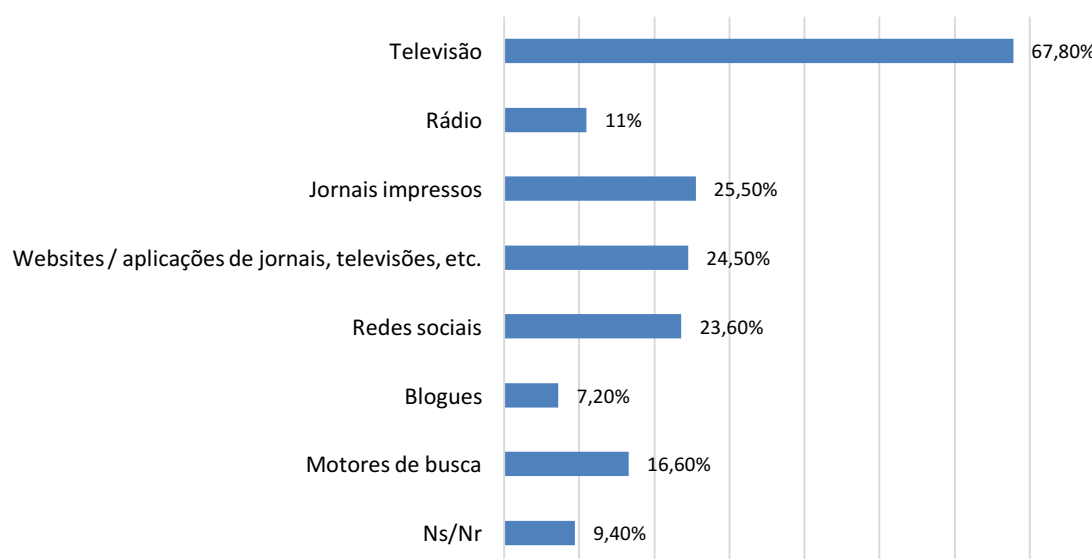
Fonte: ERC – Públicos e Consumo de Notícias 2016. Edição: OberCom.

Verifica-se que a televisão é a fonte principal onde os indivíduos procuram actualizar uma história com desenvolvimentos recentes, como uma catástrofe natural ou um

acontecimento político, com 71,9% de respostas. No entanto, serve esta tabela para demonstrar a importância das redes sociais para este fim, já que 30,2% das respostas indica um valor relativamente elevado de indivíduos que se servem das redes sociais para se actualizar neste tipo de notícias, ultrapassando até os websites e aplicações de jornais ou televisões, com 26,9%.

Sendo que estes valores concernem à actualização de notícias, a próxima figura lida com as fontes principais em que os indivíduos aprofundam ou procuram analisar mais fortemente uma história com desenvolvimentos.

**Figura 8 – Onde costuma procurar análises ou maior aprofundamento sobre uma história com constantes desenvolvimentos, como uma catástrofe natural ou um acontecimento político**



n= 572

Fonte: ERC – Públicos e Consumo de Notícias 2016. Edição: OberCom.

Com esta figura verifica-se que os websites e aplicações de jornais ou televisões compõem 24,5% das respostas dos inquiridos, tendo uma ligeira vantagem sobre as redes sociais (23,6%).

Com esta comparação, pode-se supor que os indivíduos preferem as redes sociais para a actualização pouco aprofundada das notícias, e que, para um maior aprofundamento noticioso e analítico, preferem, ainda que ligeiramente, websites e jornais *online*.

**Tabela 2 – Partilha notícias via rede social, tendo em conta o grau de interesse em notícias sobre assuntos regionais ou da sua cidade**

		Partilha uma história noticiosa via rede social
O quão interessado está em notícias sobre a sua região ou cidade	Extremamente interessado	25,6%
	Muito interessado	46,4%
	Algo interessado	23%
	Não muito interessado	3,1%
	Nada interessado	0,9%
	Não sabe	0,9%

n= 757

Fonte: Reuters, 2016. Edição: OberCom.

Como demonstra esta tabela, a maioria dos indivíduos que partilha uma notícia via rede social está interessado em notícias sobre a sua região ou cidade, com 46,4% a dizerem-se muito interessados, e 25,6% a revelarem-se extremamente interessados. O perfil destes indivíduos encontra-se assim relacionado com a atenção e o interesse que demonstram acerca de notícias perto do local onde vivem.

**Tabela 3 – Partilha uma notícia via rede social, tendo em conta a confiança no que concerne às notícias**

		Partilha uma notícia via rede social (Facebook, Twitter, etc.)
Considera que pode confiar na maioria das notícias a maioria das vezes	Discorda totalmente	2,6%
	Tende a discordar	18,2%
	Não concorda nem discorda	17,1%
	Tende a concordar	52%
	Concorda totalmente	10 %

n= 757

Fonte: Reuters, 2016. Edição: OberCom.

De acordo com os dados desta tabela, tem-se que dos indivíduos que partilham uma notícia via rede social tendem a concordar (52%) com a afirmação de que se pode confiar na maioria das notícias a maioria das vezes, sendo que 18,2% tendem a discordar.

Estes dados indicam a tendência das partilhas dos indivíduos em redes sociais não serem especialmente exigentes no que concerne à qualificação e qualidade da notícia em si.

Com as quatro tabelas seguintes, poderá fazer-se uma relação ainda mais aproximada no que se refere aos perfis dos indivíduos que comentam num *site* noticioso, e os que comentam uma notícia numa rede social.

**Tabela 4 – Comenta ou não comenta num site noticioso, tendo em conta a confiança no que concerne às notícias**

		Comenta uma notícia num <i>site</i> noticioso	
		Não	Sim
Considera que pode confiar na maioria das notícias a maioria das vezes	Discorda totalmente	88,8%	11,2%
	Tende a discordar	90,2%	9,8%
	Não concorda nem discorda	94,2%	5,8%
	Tende a concordar	92,8%	7,2%
	Concorda totalmente	86,7%	13,3%

n= 757

Fonte: Reuters, 2016. Edição: OberCom.

Através desta tabela, verifica-se que a maioria dos indivíduos, concorde ou não com a afirmação de que confia na maioria das notícias a maioria das vezes, não comenta uma notícia num *site* noticioso, não havendo valores abaixo de 85%. Quer isto dizer que dos indivíduos que utilizam a Internet poucos são, em termos relativos, os que participam nos comentários de, por exemplo, notícias de um jornal *online*.

Na tabela seguinte, e para melhor clarificar a dimensão da confiança das pessoas quanto à maioria das notícias, tomem-se os valores dos indivíduos que declaram comentar num *site* noticioso.

**Tabela 5 – Comenta num site noticioso, tendo em conta a confiança no que concerne às notícias**

		Comenta uma notícia num <i>site</i> noticioso
Considera que pode confiar na maioria das notícias a maioria das vezes	Discorda totalmente	4,9%
	Tende a discordar	20%
	Não concorda nem discorda	15%
	Tende a concordar	46,9%
	Concorda totalmente	13,2%

n= 160

Fonte: Reuters, 2016. Edição: OberCom.

A maioria dos indivíduos que revela confiar na maioria das notícias a maioria das vezes (46,9% que concordam e 13,2% que concordam totalmente), participa nos comentários de uma notícia num *site* noticioso, sendo que os que tendem a desconfiar e os que desconfiam totalmente encontram-se menos dispostos a tecer um comentário.

De seguida, veja-se a mesma situação destas duas últimas tabelas, mas no que concerne ao comentário de uma notícia numa rede social, como o Facebook ou o Twitter.

**Tabela 6 – Comenta ou não comenta uma notícia na rede social, tendo em conta a confiança no que concerne às notícias**

		Comenta uma notícia na rede social (Facebook, Twitter, etc.)	
		Não	Sim
Considera que pode confiar na maioria das notícias a maioria das vezes	Discorda totalmente	67,2%	32,8%
	Tende a discordar	66,5%	33,5%
	Não concorda nem discorda	76%	24,0%
	Tende a concordar	73%	27%
	Concorda totalmente	65,2%	34,8%

n= 757

Fonte: Reuters, 2016. Edição: OberCom.

Desde logo, tem-se que, dentro da proporção de indivíduos que possuem redes sociais, são mais os que comentam uma notícia através da sua rede social, independentemente de concordar, ou não, com a afirmação, em comparação com os que comentam num *site* noticioso (tabela 4), havendo por isso um nível de participação relativamente mais elevado. Na tabela seguinte tem-se, isoladamente, as posturas dos indivíduos que comentam uma notícia via rede social relativamente à afirmação.

**Tabela 7 – Comenta uma notícia na rede social, tendo em conta a confiança no que concerne às notícias**

		Comenta uma notícia na rede social (Facebook, Twitter, etc.)	
		Discorda totalmente	
Considera que pode confiar na maioria das notícias a maioria das vezes			4%
	Tende a discordar		19,3%
	Não concorda nem discorda		17,5%
	Tende a concordar		49,4%
	Concorda totalmente		9,7%

n= 571

Fonte: Reuters, 2016. Edição: OberCom.

Como se verifica, dos que comentam uma notícia na rede social, 49,4% tendem a concordar com a afirmação de que confiam na maioria das notícias a maioria das vezes, com 19,3% dos indivíduos com tendência para discordar.

Da comparação entre estes dois perfis aproximados de indivíduos que de alguma forma participam em notícias por via de rede social ou *site* noticioso, tem-se a tendência para, de forma mais alargada, se comentar através de uma rede social. Por outro lado, verifica-se que

ambos os perfis aproximados tendem a concordar com a afirmação de que confiam na maioria das notícias a maioria das vezes.

Como revela a tabela 3, o facto de os indivíduos que partilham uma notícia através da rede social tenderem a concordar com essa afirmação pode revelar a tendência para uma falta de exigência na qualidade das notícias partilhadas. Esta questão relaciona-se com a teoria do pós-facto na medida em que a falta de qualidade noticiosa, aliada ao vasto conteúdo noticioso, tanto em redes sociais como em jornais ou televisão, pode promover uma menor distinção entre a verdade dos factos jornalísticos e uma menor clarificação dos mesmos. A pouca separação de conteúdo jornalístico sério com outro tipo de conteúdo, jornalístico ou não jornalístico, aliado a uma confiança elevada dos indivíduos na maioria das notícias a circular, pode promover uma postura de menor elucidação dos factos.

### 3. Postura e participação cívica dos indivíduos e a influência da Internet neste âmbito

Tendo em conta a temática de retenção noticiosa abordada nos dois capítulos anteriores, tenha-se de seguida em conta, nomeadamente, a participação cívica e mobilizadora dos indivíduos e a sua relação com o espaço *web*. Sendo que algumas questões foram replicadas em duas investigações no âmbito da Sociedade em Rede (2004 e 2013), começa-se por perceber o processo de evolução dos indivíduos, nomeadamente utilizadores de Internet, no que se refere à participação em abaixo-assinados, à ida à Câmara Municipal ou junta de freguesia para se informar de alguma situação, ou se alguma vez escreveu ao director de alguma publicação a manifestar opinião, tendo em conta se alguma vez utilizou a Internet ou o email para tal.

**Tabela 8 - Cidadania e processo de participação mediada, 2004**

	Sim	Não	NS/NR
Em alguma ocasião subscreveu abaixo-assinados ou escreveu cartas a protestar a um órgão de estado ou administração pública	10,2%	89,6%	0,2%
(...) e dizendo sim, alguma vez utilizou a Internet para tal?	26,8%	69,4%	3,8%
Alguma vez se dirigiu à sua C. M. para se informar sobre algo que afecta o local onde vive	14,0%	85,8%	0,2%
(...) e dizendo sim, alguma vez utilizou a Internet para tal?	12,7%	85,3%	2,0%
Em alguma ocasião escreveu uma carta ao director de uma publicação para manifestar a sua opinião, quer tenha sido positiva ou negativa?	3,1%	96,8%	0,1%
(...) e dizendo sim, alguma vez utilizou a Internet para tal?	39,5%	60,5%	0,0%

Fonte: Inquérito Sociedade em Rede, 2004. Edição: OberCom.

No que se refere a estes dados de 2004, a maioria dos indivíduos revela algum tipo de inacção, sendo que 89,6% diz nunca ter subscreto um abaixo-assinado ou enviado cartas a protestar a um órgão de Estado ou administração pública, 85,8% nunca se dirigiu à sua Câmara Municipal para se informar sobre algo que o afecta, e 96,8% declara nunca ter escrito ao director de uma publicação para manifestar a sua posição. Quanto às pessoas que responderam sim, e perguntadas sobre se alguma vez utilizou a Internet para tal, os dados apontam já para alguma utilização deste meio, sendo que 26,8% subscrevem abaixo-assinados ou enviam cartas

por via da Internet, 12,7% pede informação e 39,5% manifesta a sua opinião ao director de uma publicação.

**Tabela 9 - Cidadania e processo de participação mediada, 2013**

	Sim	Não	NS/SR
Em alguma ocasião subscreveu abaixo-assinados ou escreveu cartas a protestar a um órgão de estado ou administração pública	14,5%	83,0%	2,5%
(...) e dizendo sim, alguma vez utilizou a Internet para tal?	51,2%	41,5%	7,3%
Em alguma ocasião se dirigiu à sua C. M. para se informar sobre algo que afecta o local onde vive	21,2%	76,8%	2,0%
(...) e dizendo sim, alguma vez utilizou a Internet para tal?	25,7%	69,1%	5,2%

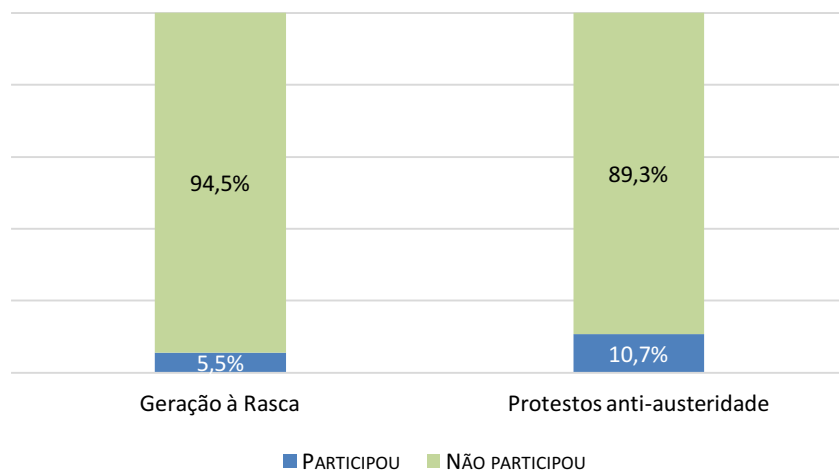
Fonte: Inquérito Sociedade em Rede, 2013. Edição: OberCom.

No que se refere aos dados do inquérito realizado em 2013, compreende-se que 14,5% referiram subscrever abaixo-assinados e escrever cartas a protestar, sendo que, desses, 51,2% utilizam a Internet para tal. Quanto a dirigir-se para a sua Câmara Municipal para se informar sobre algo que o afecta, 21,2% declaram fazê-lo, sendo que 25,7% já utilizaram a Internet para isso.

Fazendo a comparação entre dados de 2004 e 2013, verifica-se que houve uma evolução nomeadamente quanto à utilização da Internet em processos de participação cívica, o que também se explica pela utilização mais alargada da Internet por parte da população ao longo dos cerca de dez anos que intermediaram as investigações.

De seguida, tenha-se em conta as manifestações da Geração á Rasca e dos protestos anti-austeridade, existentes entre 2011 e 2013 em Portugal.

**Figura 9 – Participação em manifestações de Geração à Rasca e protestos anti-austeridade**

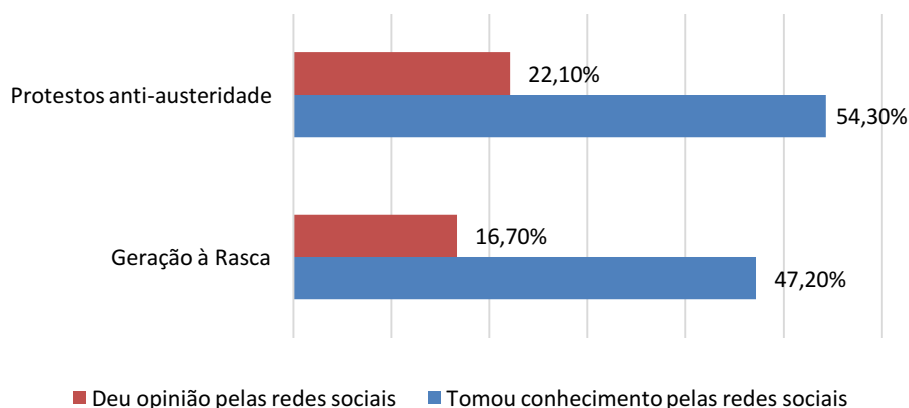


n= 1542

Fonte: Inquérito Sociedade em Rede, 2013. Edição: OberCom.

Como indica a figura acima, verifica-se que a grande maioria dos indivíduos que responderam a este inquérito não participaram nos protestos descritos, sendo que 5,5% foram às manifestações do movimento Geração à Rasca, 10,7% aos protestos anti-austeridade. Tendo-se assim uma ideia da proporção dos inquiridos que participaram – fisicamente – em tais mobilizações sociais, a figura seguinte procurará compreender melhor o papel da Internet no que concerne à tomada de conhecimento dos protestos e à expressão de opinião em redes sociais.

**Figura 10 – Tomada de conhecimento e expressão de opinião em redes sociais no que se refere às manifestações de Geração à Rasca e protestos anti-austeridade**



Fonte: Inquérito Sociedade em Rede, 2013. Edição: OberCom.

Como se verifica, 54,3% dos inquiridos que foram aos protestos anti-austeridade e 47,2% dos que foram às manifestações da Geração à Rasca, tomaram conhecimento dos mesmos pelas redes sociais, sendo que 22,1% e 16,7%, respectivamente, deram a sua opinião pelas redes sociais.

O aspecto já abordado da Internet e das redes sociais como espaços importantes de partilha parece aqui confirmar-se. O facto de praticamente metade dos indivíduos ter tomado conhecimento das manifestações por via de uma rede social, revela a importância que as partilhas e a recepção instantânea de informação podem ter, ajudando a que, no caso de mobilizações sociais, a mensagem seja disseminada. Já no que se refere a dar opinião nas redes sociais acerca dos temas que envolviam os protestos, foram menos os que assim fizeram. Este dado pode ser interessante para a ideia de simbiose entre espaço físico e espaço virtual, e em como as redes sociais podem ser vistas como importantes para a partilha de informação, mas em que a manifestação física é, para já, o elemento mais decisivo e incentivador para os indivíduos.

A figura seguinte procura perceber se as posturas entre utilizadores e não utilizadores de Internet são diferentes no que concerne à influência dos cidadãos em termos políticos e sociais.

**Tabela 10 - Influência dos cidadãos em termos políticos e sociais**

	Utilizador de Internet	Não utilizador de Internet
As pessoas podem influenciar os acontecimentos mundiais com mobilizações políticas e sociais	61,1%	38,9%
Os cidadãos comuns têm influência no que o governo decide	57,4%	42,6%
Com esforço e em conjunto podíamos acabar com a corrupção política	59,4%	40,6%
Os responsáveis da má governação, local ou estatal, são definitivamente os cidadãos que não votam como deviam	56,6%	43,4%

n= 1542

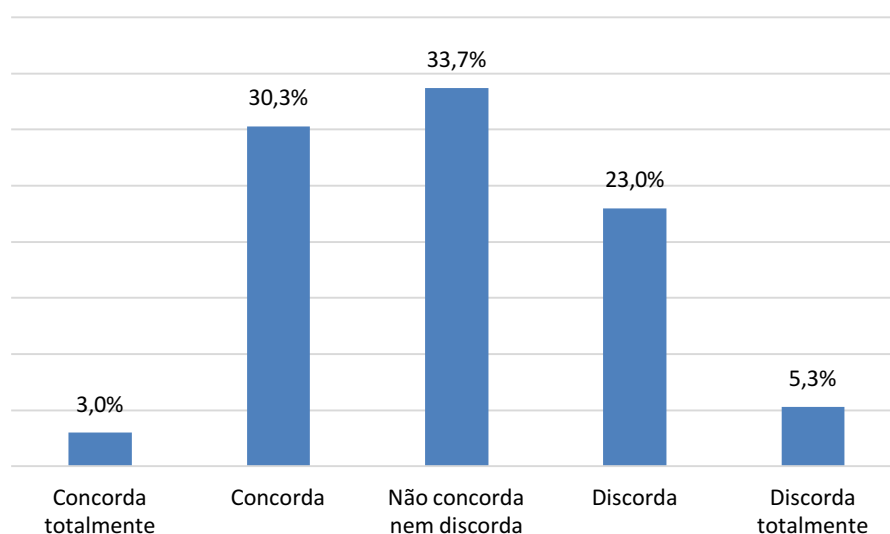
Fonte: Inquérito Sociedade em Rede, 2013. Edição: OberCom.

Verifica-se que os utilizadores de Internet tendem a ter uma perspectiva mais positiva em relação a diversos assuntos que concernem à actividade cívica ou à influência nas decisões políticas, comparativamente com não utilizadores de Internet. No que se refere à influência das pessoas em acontecimentos mundiais com mobilizações políticas e sociais, 61,1% dos inquiridos que concordam com esta afirmação são utilizadores de Internet, sendo que 38,9% não utilizam a Internet. Esta tendência prossegue com a afirmação de que os cidadãos comuns têm influência no que o governo decide, com 57,4% a serem utilizadores de Internet, na afirmação

de que, com esforço e em conjunto, se podia acabar com a corrupção política (59,4% são utilizadores), e de que os responsáveis da má governação são os cidadãos que não votam, com 56,6%.

Na mesma investigação realizada em 2013, é possível perceber melhor o tipo de postura que utilizadores de redes sociais têm relativamente à participação em causas cívicas.

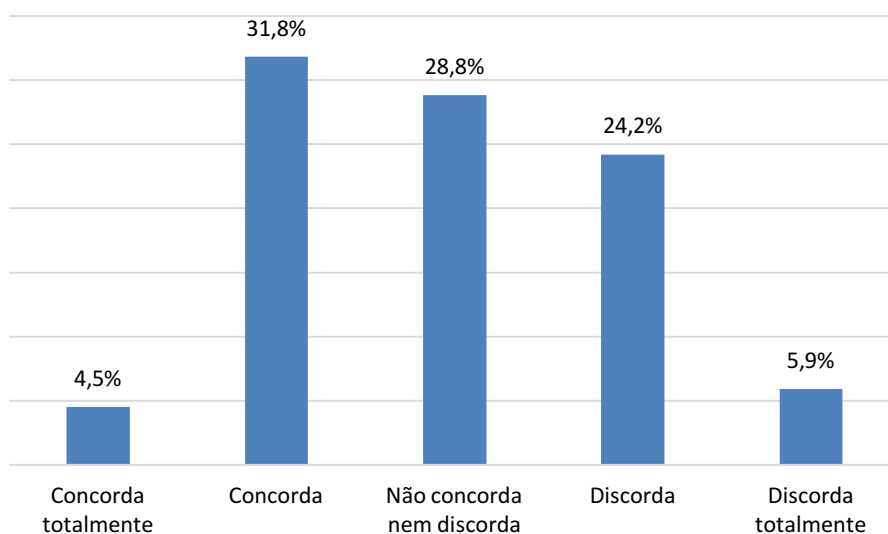
**Figura 11 - Desde que usa redes sociais, sente-se mais participativo em causas políticas e sociais**



n= 667 (dos utilizadores que usam redes sociais)  
Fonte: Inquérito Sociedade e Rede, 2013. Edição: OberCom.

Verifica-se que 30,3% dos utilizadores de Internet concordam que, desde que usam redes sociais, se sentem mais participativos em causas políticas e sociais. Por outro lado, são poucos os que concordam totalmente com tal suposição, sendo que a maior percentagem se refere a indivíduos que não concordam nem discordam. Já cerca de 23% discordam da afirmação. Estes dados concernem a um âmbito tanto virtual quanto físico, devendo por isso ser vistos como um indicador algo alargado.

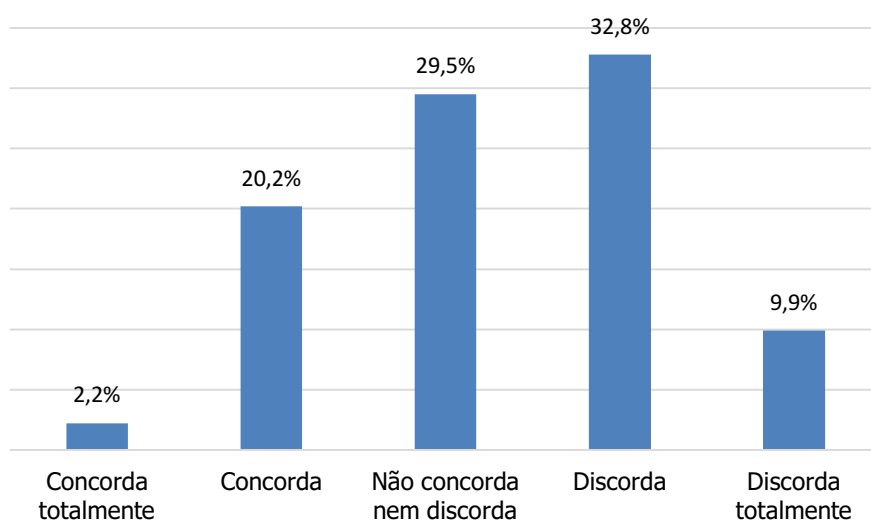
**Figura 12 - Desde que usa redes sociais, sente-se mais predisposto a expressar a sua opinião ou a apoiar causas políticas e sociais**



n= 667 (dos utilizadores que usam redes sociais)  
Fonte: Inquérito Sociedade e Rede, 2013. Edição: OberCom.

Com base no gráfico acima, a maior percentagem de indivíduos (31,8%) que usa redes sociais concorda que, desde que as utilizam, se sentem mais predispostos a expressar a sua opinião ou a apoiar causas políticas e sociais. Mais uma vez, são poucos os que concordam totalmente (4,5%), sendo que 24,2% afirmam discordar com tal afirmação.

**Figura 13 - Desde que usa redes sociais, tem estado presente mais frequentemente em eventos relacionados com a defesa de causas políticas e sociais**



n= 667 (dos utilizadores que usam redes sociais)  
Fonte: Inquérito Sociedade e Rede, 2013. Edição: OberCom.

Por fim, à pergunta se tem, desde que usa redes sociais, estado presente mais frequentemente em eventos relacionados com a defesa de causas políticas e sociais – o que pressupõe a presença física do inquirido –, 32,8% discordam, sendo que quase 10% discordam totalmente. Estes dados, aqui, comparativamente aos anteriores, mais elevados no que se refere à discordância, podem concorrer para a ideia de que as redes sociais e o espaço virtual, embora possam ter um papel importante na divulgação, não se estabelecem como fundamentais para o envolvimento físico dos indivíduos em causas deste género.

